

Resenha: LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

## RESENHA DO LIVRO PADRÕES SOCIOLINGÜÍSTICOS DE WILLIAM LABOV

Valéria Fonseca Leite\*

Esta resenha baseia-se no livro publicado em 1972 **Padrões Sociolingüísticos** (*Sociolinguistic Patterns*), cuja versão brasileira, traduzida por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso e publicada pela editora Parábola, foi publicada em 2008. Será dada maior ênfase aos primeiros capítulos, nos quais o autor descreve seu início como pesquisador e detalha suas pesquisas de mestrado e doutorado.

Antes, porém, de abordarmos o livro em questão, vejamos o que é Sociolingüística. Segundo Pagotto (2006) são três as grandes áreas da Sociolingüística:

- Teoria da Variação e da Mudança, também conhecida como sociolingüística quantitativa, que estuda de que maneira o sistema lingüístico, no seu núcleo gramatical é afetado pelas relações com a sociedade
- Etnografia da Fala, com foco no conhecimento das regras sociais que norteiam o emprego das formas lingüísticas, como parte do funcionamento social da comunidade
- Sociologia da Linguagem, cujo enfoque está nas relações macro da língua com a sociedade, para estudar como a língua se espalha por uma determinada comunidade e quais as relações entre esse espalhamento e as estruturas de poder. Dois nomes que se destacam são John Fishmann e Pierre Bourdieu.

---

\* Mestre em Engenharia de Produção pela UNIFEI, doutoranda em Ciências da Linguagem no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás) e professora no curso de Administração na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Contato: [valeria@unifei.edu.br](mailto:valeria@unifei.edu.br).

Ainda segundo Pagotto, para que seja considerada Sociolinguística a abordagem precisa pressupor “autonomia do sistema linguístico para depois propor inter-relação com o mundo social” – “o sistema linguístico tem funcionamento próprio, independente do mundo social, embora submetido a ele”. (p.51)

A publicação original do livro *Padrões Sociolinguísticos* de William Labov representou o

[...] nascimento oficial de uma área dos estudos da linguagem que, desde então, não tem parado de se desenvolver em todo o mundo: a sociolinguística variacionista. Interessado, de início, em desvendar os enigmas da mudança linguística, William Labov acabou revelando a complexa relação desse fenômeno, diacrônico, com outro, sincrônico: a variação linguística. Labov parte do princípio que as línguas mudam porque variam; [...] as línguas mudam porque não existem "línguas", mas sim falantes de carne e osso, que vivendo em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas, mudam as línguas. Sendo assim torna-se impossível desvincular os fatos de linguagem dos fatos sociais. (orelha e todos os sítios que vendem ou divulgam o livro).

A Sociolinguística Variacionista traz a marca dos conflitos políticos e ideológicos. Labov criou um instrumental teórico capaz de aniquilar o mito da "deficiência verbal" das classes sociais subjugadas (e, no caso específico dos Estados Unidos, dos negros), estabeleceu a lógica gramatical inegável dos dialetos considerados "não padrão", isto é, das formas de falar das comunidades excluídas do poder e do controle social. (idem)

Mas, quem é William Labov? Primeiramente um pesquisador internacionalmente reconhecido, uma das personalidades mais influentes da linguística moderna. Foi o segundo a receber o *the British Academy's Neil & Saras Smith Medal for Linguistics* – uma medalha de reconhecimento por sua contribuição à Linguística. Recebeu também a medalha *Smith Medal* – prêmio anual por dedicar uma vida aos estudos da linguística – antes de Labov apenas Noam Chomsky havia recebido este reconhecimento.

Labov nasceu em 1927. Foi um químico industrial por dez anos. Graduou-se em Inglês e Literatura em Harvard em 1948. Em seu mestrado, descrito no capítulo 2 deste livro, *Padrões Sociolinguísticos*, estudou diferenças regionais e de classe na pronúncia da língua inglesa na ilha Martha's Vineyard, em Massachussets a partir de 1961. Em seu doutorado, cuja tese foi concluída em 1964, com seu orientador e amigo Uriel Weinreich, Labov focou nas formas de quantificar variação fonética. Foi professor na Columbia University de 1964 a 1971. Desde 1971 é professor do departamento de linguística da Universidade da Pensilvânia. Labov já recebeu

diversos títulos de doutor honorário. Em 1985, Labov recebeu o título da faculdade de humanas da Universidade Uppsala na Suécia; em 1990 da Universidade de Liège, na França, em 1998 da Universidade de York, em 2005 da Universidade de Edinburgo e em 2007 da Universidade de Paris. Foi casado com a socióloga Teresa Gnasso Labov e desde 1993 é casado com a sociolinguista Gillian Sankoff. Desde 2014 está aposentado, apesar de ainda estar atuante.

Labov foi um pioneiro na abordagem de investigar a relação entre língua e sociedade e desenvolveu o campo de estudos que veio a ser conhecido por sociolinguística variacionista.

Segundo ele, a forma como uma língua é falada (e escrita) difere entre indivíduos como também em situações vividas pelo mesmo indivíduo. Labov argumenta que estas diferenças não são apenas normais como também necessárias para o funcionamento de uma língua. Esta visão desafia o pensamento tradicionalmente dominante e a prática na teoria da linguística, desde Ferdinand de Saussure a Noam Chomsky. Sua metodologia se distingue de outras dentro da sociolinguística devido ao emprego de métodos quantitativos.

Na apresentação da edição brasileira Marcos Bagno, um dos tradutores do livro, comenta que a sociolinguística variacionista encontrou no Brasil um dos campos mais férteis para a aplicação de seus postulados teóricos e de sua metodologia de trabalho empírico e, apesar de muitos trabalhos terem sido realizados no Brasil desde a década de 1970, clássicos como *Padrões Sociolinguísticos* até 2008 não haviam sido traduzidos. Em 2006 ele, Bagno, traduziu o ensaio *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* de Weinreich, Labov e Herzog, originalmente publicado em 1968.

Ainda na introdução Bagno comenta que a Sociolinguística Variacionista tem fornecido suporte empírico para o combate às construções ideológicas que se apoiam nas diferenças linguísticas como pretexto para suas políticas de discriminação e de exclusão social.

Na Introdução do livro *Padrões Sociolinguísticos* Labov inicia com a afirmação: “*Por vários anos, resisti ao termo **sociolinguística**, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social.*” Ele repete esta afirmação diversas vezes no livro, demonstrando seu incômodo com a criação de um rótulo. Rótulo, esse, disputado por diversas abordagens diferentes, com mundos referenciais diferentes, de acordo com Pagotto (2006, p. 51). Labov se auto intitula um estudioso de linguística. Para ele não deveria ser novidade, outros

não deveriam se surpreender com uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística precisasse ser encontrada na fala — “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.” (p. 13)

Labov comenta que trabalhar em um setor tão diferente do “mundo da linguística” por dez anos abriu seus olhos para um mundo rebelde, de caráter racional. Ele trabalhou como químico após terminar o curso de Letras no início da década de 60. Essa visão racional o ajudou a enxergar três barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Segundo ele primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949, p. 124). Esse princípio tinha sido consistentemente erodido por Martinet (1955) e outros, que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933, p. 364) que quaisquer flutuações que pudessemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Uma terceira restrição era, talvez, a mais importante: a variação livre não podia, em princípio, ser condicionada. O postulado básico da linguística (Bloomfield 1933: 76) declarava que alguns enunciados eram o mesmo. Também se sustentava que os sentimentos acerca da língua eram inacessíveis e estavam fora do escopo do linguista (BLOCH; TRAGER, 1942). A avaliação social das variantes linguísticas estava, portanto, fora de consideração.

Ao conhecer Uriel Weinreich na Columbia University Labov percebeu que teria um orientador e um amigo e que iriam, com sua “intuição, imaginação e força criativa” ultrapassar tais restrições. Weinreich o orientou em seus trabalhos de mestrado e doutorado. Juntos escreveram em 1966 o ensaio citado acima. Labov dedica muitos de seus trabalhos ao grande parceiro, inclusive esse mesmo livro. Weinreich veio a falecer aos 41 anos antes mesmo do ensaio ser publicado.

No Capítulo 1 do livro Labov resume o trabalho que realizou em seu mestrado. Ele escolheu a ilha na costa nordeste dos Estados Unidos, no estado de Massachusetts para tal. A ilha, na época do estudo, tinha uma população de 6 mil habitantes e em área era e ainda é a 57<sup>a</sup> ilha dos Estados Unidos por área, com apenas 33km de

comprimento. Uma unidade independente, distante três milhas do continente (aproximadamente 5km). Social e geograficamente complexa o bastante, com sua população composta por descendentes de famílias de origem inglesa que haviam migrado nos séculos XVII e XVIII; descendentes de portugueses – a mais alta concentração de Massachussetts, próxima a 20% do total da população; remanescentes indígenas; misto de ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães, poloneses – 15% do total e não coesos entre si. Além disso, havia os veranistas, os quais não chegavam a 46000 por temporada e não foram considerados no estudo. Um importante motivo da escolha da ilha foi o fato de ser conhecida entre linguistas como importante área conservadora do inglês americano e apresentar aspectos da fala que chamavam a atenção, entre eles o aspecto dos ditongos centralizados /ay/ e /aw/, saliente para o linguista, mas não para os falantes e imune à distorção consciente: nativos não se dão conta, nem conseguem controlá-lo conscientemente (p. 27). Exemplos desses ditongos podem ser encontrados em palavras como: *right, out, time, cow*.

Seu objetivo era dar suporte à visão geral do papel da interação social na mudança linguística. Por que certos fenômenos variam? “[...] antes que um fenômeno possa se difundir de palavra para palavra [...] é necessário que uma das formas rivais adquira algum tipo de prestígio.” (p. 21 apud STUTTERVANT, 1947, 74-84). Do ponto de vista neogramático mudanças observáveis são resultados de uma série de empréstimos, imitações e variações aleatórias.

Labov acreditava que seria possível encontrar uma explicação específica se fosse feito um estudo da configuração detalhada desta mudança sonora em função das forças sociais que afetavam mais profundamente a vida de ilha. (p. 45). Precisava-se levar em conta que era o município mais pobre de Massachussetts, com o mais alto índice de pessoas pobres e o mais baixo índice de pessoas ricas; apresentava mais alto índice de desemprego; o mais alto índice de emprego temporário; era afetada pelo alto preço do transporte (ferryboat) utilizado para trazer e levar mercadorias para a ilha; mais mulheres casadas trabalhando fora e criando filhos pequenos; a pesca, tradicional fonte de renda, em queda (seu auge havia sido com pesca de baleias); queda da agricultura e da pecuária (também influenciada pelo ferryboat).

Foram, então, realizadas 69 entrevistas formais nas quais foi possível observar 3500 ocorrências de /ay/ e 1500 de /aw/. Foram feitas observações em situações espontâneas que deram suporte às conclusões. Conceito importante, e constante,

para o pesquisador: “Se quisermos fazer bom uso das declarações dos falantes sobre a língua, temos que interpretá-las à luz de produções inconscientes, sem reflexão”. Fica aqui uma dúvida: como fazê-lo se o falante está sendo gravado? Sem que ele saiba que está sendo gravado? Se não gravar, como registrar dados e mantê-los disponíveis e evitar interdição social? Estas preocupações são revistas pelo próprio Labov em outros momentos do livro e por Pagotto (2006).

Labov está em constante diálogo com sua pesquisa. “Permanece uma lacuna na lógica da explicação: de que modo as pressões sociais e as atitudes sociais incidem sobre estruturas linguísticas? Até agora, reunimos uma série convincente de correlações; contudo, ainda precisamos propor um mecanismo racional pelo qual os elementos estáveis da estrutura entram nessas correlações.” (p. 60)

As técnicas desenvolvidas no mestrado foram refinadas e aplicadas no seu doutorado, que Labov considerou uma situação mais complexa, já que em Nova York falantes de múltiplos estilos são a regra, e não a exceção, há maior número de grupos étnicos, mobilidade e mudança eram mais rápidas e a população muito mais numerosa. Seria necessário empregar técnicas mais sutis e complexas, contudo a abordagem básica de isolamento das variáveis socialmente significativas e de correlação delas com os padrões das forças sociais gerais precisava ser a mesma.

O capítulo 2 traz, então, o trabalho realizado por Labov em seu doutorado, cujo foco era a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. Labov insiste em uma de suas constantes preocupações: toda pessoa que comece a estudar a língua em seu contexto social imediatamente se depara com o clássico problema metodológico: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados. Ele comenta que o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada. Porém, a fala da entrevista é fala formal, pública, monitorada e controlada em resposta à presença de observador externo. Como citado acima, ele busca amostras de produções inconscientes.

Um modo de controlar isso é estudar a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou seus pares. Outro modo é observar o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista. Assim, Labov, em Novembro de 1962, com a hipótese geral: *se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)* inicia sua investigação. Ele decide que sua amostra será encontrada em três lojas de departamentos, cujos

clientes são socialmente estratificados. Espera-se comparável estratificação dos vendedores. As lojas escolhidas são Saks Fifth Avenue, de *status* superior, Macy's, considerada de *status* médio, e S. Klein, de *status* inferior. Outro ponto levado em consideração na escolha das lojas foram as políticas de publicidade e preços adotadas; os jornais nos quais anunciavam; suas instalações físicas; e o prestígio da loja – que Labov descobriu que para os funcionários fazia mais diferença que o próprio o salário.

O método empregado fugiu do considerado “normal”, que consistia em estratificar amostras de falas, em agendar entrevistas. Labov fazia perguntas que levassem à resposta: “*fourth floor*”. Após a primeira resposta, ele se inclinava para frente e perguntava: “*como?*” o que forçava a pessoa a responder novamente. Ele adotou como variáveis independentes a loja, o andar, o sexo, a idade estimada, o cargo, a raça e o sotaque do atendente e como variáveis dependentes a resposta casual e a enfática. Ele se preocupou sem se vestir à moda da classe média da época e usava pronúncia normal de universitário nativo de Nova Jersey. Esses detalhes descritos por Labov demonstram sua preocupação constante com uma pesquisa que não levasse ao “auto-engano da introspecção”.

Labov chega às seguintes considerações: com perspicácia suficiente é possível estudar qualquer grupo: a pesquisa sociolinguística decerto precisa superar o desafio de desenvolver estudos rápidos e anônimos que escapem das limitações da conveniência. (p. 89); ... testes rápidos e anônimos não podem ser interpretados plenamente sem o conhecimento detalhado da história dialetal da área e sem um estudo mais sistemático da distribuição das variáveis linguísticas e normas subjetivas. (idem) E, finalmente, esses testes devem ser considerados como suplementares ou preliminares.

Nos capítulos seguintes Labov comenta que os linguistas sempre tiveram consciência dos problemas de variação linguística. A prática normal é por essas variantes de lado – não porque sejam menos importantes, mas porque as técnicas da linguística são tidas como inadequadas e insuficientes para lidar com elas. (p. 92)

O estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes. Uma motivação para o linguista estudar tais estruturas é que elas oferecem comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis. Em segundo lugar, as estruturas variantes são definidas por métodos quantitativos que permitem os estudos detalhados de mudanças linguísticas em progresso. (p. 151-152).

O progresso de mudança linguística pode ser considerado em três estágios. Na sua origem, na sua propagação, no seu término. No capítulo 5 Labov discute seu interesse pelo segundo estágio, no qual a mudança é adotada por um número tão amplo de falantes que passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. (p. 152)

Já no capítulo 6 o autor irá discutir mudanças linguísticas em progresso sob dimensões subjetivas. Segundo ele “estudos tradicionais dos dialetos regionais dos Estados Unidos têm mostrado que o isolamento leva à diversidade linguística, enquanto a mescla de populações leva à uniformidade linguística. (p. 173) Porém, pessoas que convivem nos mesmos grupos sociais podem “participar de mudanças linguísticas rápidas que levam à crescente diversidade”, e não à uniformidade. Em entrevista a um programa de entrevistas no Youtube dos Estados Unidos, The David Parkman Show, disponibilizado em 16 de dezembro de 2013, Labov enfatiza esse aspecto da diversidade e os fatores políticos e econômicos do que ele chama de dialetos. Ao ser questionado, por exemplo, quanto à influência que meios de comunicação em massa e mídias sociais teriam na unificação da língua, ele responde que as pessoas não são influenciadas por interação passiva.

Ao comparar, por exemplo, a presença ou ausência de sons como o (r) consonantal em posição final e pré-consonântica em palavras como *beer*, *beard*, *car*, *card*, nos capítulos 3, 4, 5 e 6 do livro Labov passa por padrões de alternância estilística, padrões de estratificação social e estilística e elementos de padrão de hipercorreção da classe média baixa até chegar nas reações subjetivas como foco. Sempre com quantidades de testes, em alguns casos 200, e com análises em tabelas e gráficos, Labov apresenta suas descobertas de forma convincente. Para ele uma comunidade de fala não é um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas, mas um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua.

O Capítulo 7 é sobre o mecanismo da mudança linguística, especificamente a mudança sonora. Com base em evidências apresentadas, Labov afirma que “não é possível realizar uma análise das relações estruturais dentro de um sistema linguístico para só depois recorrer a relações externas”. “Não se pode alegar que um sistema linguístico em mudança é autônomo”. (p.214)

No início do capítulo 8 Labov retoma seu questionamento do título Sociolinguística e demonstra, novamente, desconforto com o rótulo. Esse capítulo trata do estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da

comunidade de fala. Qual não é nossa surpresa ao encontrarmos nesse capítulo, na página 229, uma figura que nos remete à capa do livro. Essa surpresa é seguida de nova surpresa ao vermos o orgulho que o próprio autor tem desta capa. A capa aparece aos 3 minutos e 36 segundos de outro vídeo do Youtube, também de 2013, sobre a entrega a Labov da medalha *Benjamin Franklin in Computer and Cognitive Science* que apresenta Labov como aquele que conseguiu transformar a ciência da língua falada, a Linguística, com métodos matemáticos, como ninguém antes dele. Trata-se de uma figura utilizada por ele para um de seus estudos quantitativos. Ele apresenta um par de diagramas, com padrões geométricos (círculos, triângulos e quadrados) e apresenta uma afirmação: “todos os círculos não têm pontos neles” e testa “através” da gramática para ver estados extralinguísticos.

Nesse capítulo Labov revisita terias de Saussure, discute problemas da linguística em lidar com a fala, devido a sua agramaticalidade, sua variação, às dificuldades de ouvir e gravar, e da raridade das formas sintáticas. Ele fala também das intuições e dos conceitos de “dialeto” e “idioleto”. Novamente, recorramos a Pagotto (2006), que define dialeto, do ponto de vista linguístico, com um “sistema caracterizado por um conjunto de variantes linguísticas específicas – em contraste com outro(s) dialeto(s) que se caracterizariam por outras variantes”. Labov, então, chega a propostas metodológicas de pesquisa em que, entre outros aspectos, deve-se estar atento ao *paradoxo do observador*. Além dos dados ficarem disponíveis, ou seja registrados, para posterior revisão, o grau de interferência do observador deve ser o menor possível e o anonimato do falante deve ser preservado. Além do genuíno interesse do entrevistador pelo que o falante diz, o pesquisador deve, também, evitar interdição social.

A análise da língua em seu contexto, e de forma não intuitiva será cada vez mais valorizada, em sua opinião, como “um preliminar necessário para o desenvolvimento da pesquisa linguística”. “A teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua” e aqui vemos o químico, o estudante de ciências exatas: “tanto quanto a teoria química não pode ignorar as propriedades observadas dos elementos”. Os métodos apresentados por Labov neste capítulo visam a convencer que estudos linguísticos precisam ir além das construções do analista, precisam reconhecer propriedades da língua em si mesma.

Finalmente, no Capítulo 9 intitulado O quadro social da mudança linguística, Labov afirma que ao invés de se discutir sobre dados ruins, deve-se “tirar proveito da rica produção da mudança linguística que nos rodeia”. Quando fala em dados ruins,

Labov se refere à falta de “vontade” de outros pesquisadores em pesquisar sobre mudança linguística, seja devido a não acreditar na sua importância, seja por achar que é uma área trabalhosa com resultados pouco significativos. Ele afirma que linguistas históricos adotavam e defendiam uma política “associal”. Em uma revisão de como linguistas evitam relação com a sociedade ele levanta três questões: “se as funções expressivas e diretivas da língua são importante determinadores da mudança; se regras gramaticais altamente abstratas poder ser afetadas por fatores sociais; e se a evolução linguística é inteiramente disfuncional”.

Apesar de todos os linguistas concordarem que a língua é um fato social, nem todos dão a mesma atenção a mudanças linguísticas e muito menos ao contexto onde acontecem. Labov comenta sobre a visão de Whitney, Hermann Paul, Troubetzkoy, Martinet, Bloomfield, Chomsky e Halle, Vendryes, entre outros para dividir os linguistas em dois grupos, o grupo A que ele chama de “social” e o grupo B, o “associal”. O grupo A presta atenção aos fatores sociais para explicar mudança, enquanto o grupo B se concentra em fatores internos, estruturais ou psicológicos, para explicar mudança. Na página 308 Labov comenta que apesar do grupo B, com Chomsky e seu “falante-ouvinte ideal numa comunidade de fala completamente homogênea” ter certa dominância na teoria e na prática daquela época, ele se admira que o grupo A, composto por seguidores de Saussure, Meillet e Jespersen, não conseguiu em cinquenta anos apresentar estudos empíricos da mudança linguística em seu contexto social.

Labov mais uma vez critica pesquisadores que se apoiam na introspecção como metodologia, que ele chama de “confortável.” Linguistas devem se apoiar menos na psicologia e mais na sociologia. O autor chama os estudos de Martinet, Kuryłowicz e Chomsky de experimentos imaginários e anedotas.

Ele apresenta três questões que acredita que para que sejam respondidas merecem uma mudança de atitude. Essas questões são: o lugar da variação social, o nível de abstração e a função da diversidade. Para ele, para se responder a essas questões se faz necessário o estudo da mudança em progresso. Os linguistas do grupo B frequentemente alegaram, em defesa dos princípios neogramáticos e com base em seus experimentos imaginários, que a mudança linguística é lenta demais, sutil demais ou esquiva demais para ser estudada enquanto ocorre à nossa volta. Ele apresenta evidências “esmagadoras” do contrário. Inicialmente Labov cita oito estudos empíricos de comunidades de fala, dentre eles dois dele mesmo, o da Martha’s Vineyard e o de Nova York, complementado na década de 70. Em seguida

ele comenta sobre os seguintes aspectos: classe socioeconômica, e o *status* da fala; grupo étnico e casta; identidade social; a transformação de dialetos regionais em dialetos de classes urbanas; o papel das mulheres, que usam formas linguísticas mais inovadoras que os homens; e a reestruturação de padrões iniciais sob influência do grupo de pares. Labov apresenta questionamentos que nos levam a pensar cada vez mais sobre as mudanças. Como e porque as mudanças acontecem? Como são implementadas? Por quem? Por que umas mudanças se fixam enquanto outras desaparecem, apesar de parecerem mais óbvias? Diversificação tem função adaptativa? Diversificação leva a evolução cultural?

Trata-se de um livro ao mesmo tempo altamente didático e complexo. Didático ao explicar as hipóteses de William Labov, suas crenças quanto ao que precisa ser estudado por linguistas e que métodos precisam ser adotados. Altamente complexo pois apresenta análises quantitativas por meio de tabelas e gráficos de mudanças sonoras tais como a pronúncia de ditongos ou consoantes.

Sem dúvida um livro instigante, que nos faz pensar em nossa própria língua, como ela chegou a ser o que é hoje e o que está acontecendo com ela. Seus leitores são levados a conhecer outros trabalhos do mesmo autor e é uma honra saber que somos seus contemporâneos. Desnecessário dizer que apesar dos 90 anos de idade Labov impressiona por ainda contribuir ativamente para os estudos da linguagem.

Para concluir, para Labov (p. 18) “o linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.”

## Referências

<http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199772810/obo-9780199772810-0195.xml> Acesso em 02 Jul 2017.

<https://www.youtube.com/watch?v=2qHjHeNHF5A&t=610s> Acesso em 02 Jul 2017.

<https://www.youtube.com/watch?v=fzWLIKsTqyg> William Labov - 2013 Laureate of the Franklin Institute in Computer and Cognitive Science. Acesso em 02 Jul 2017.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

PAGOTTO, E. G. **Sociolinguística**. Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento. Campinas: Pontes, 2006.

Resenha recebida em: 11/09/2017

Resenha aprovada em: 23/09/2017